

DIVERSIDADE MUSICAL: realidade de nossos dias

Vania Malagutti Fialho

Na área da educação musical o tema diversidade musical tem estado presente em muitas discussões atuais, como em congressos, em publicações e no dia-a-dia da prática do professor de música. Isso porque é notória a pluralidade de vivências e experiências musicais nossas e de nossos alunos, resultantes dos avanços tecnológicos, do acesso aos variados meios de comunicação e, portanto, das facilidades para o consumo e a produção musical.

Atualmente é possível ouvirmos músicas nos mais diversos locais: no ônibus, na igreja, na escola, nos espaços públicos, no supermercado, sozinhos com fones de ouvido, nas campanhas dos celulares, na televisão, na internet, no rádio, no cinema, no carro, dentre outras formas e espaços. Essa gama de possibilidade gera um impacto que vai desde uma ampliação do conhecimento do que está sendo produzido em música até alterações nas preferências musicais, propiciando que outros estilos e gêneros sejam eleitos dentro do gosto musical de cada um. Naturalmente isso gera o contato com a diversidade musical, seja pelas nossas experiências, seja pelo nosso contato com as experiências de outros. Com isso parece difícil gostar ou preferir somente um estilo ou gênero musical, além de ser comum trocar a música preferida e/ou estilo preferido. De fato, a música presente no dia-a-dia tornou-se algo a ser consumido, especialmente por nossos jovens.

A preocupação em discutir e compreender esse assunto, bem como o de encontrar estratégias para lidar com esse desafio nas práticas pedagógico-musicais tem ocupado muitos professores e pesquisadores. No Brasil já tivemos dois congressos nacionais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) ocorridos em 2000 e 2001 nas cidades de Belém (PA) e Uberlândia (MG), respectivamente. Neles evidenciou-se a quantidade de trabalhos de pesquisas e experiências feitas na área. Além disso, muitos artigos publicados em anais, livros e periódicos especializados tratam do assunto. Como exemplos, trago aqui a síntese de dois textos da Revista da ABEM, um de

Maura Penna, publicado no volume 13 em setembro de 2005 e intitulado “Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade” e outro de Jusamara Souza, publicado no volume 18 em outubro de 2007 e intitulado “Cultura e diversidade na América Latina: o lugar da educação musical”.

Penna (2005) discute a diversidade musical a partir da abordagem do multiculturalismo. A autora defende que uma das estratégias para o trabalho coletivo com música é o diálogo. Em suas palavras “o diálogo entre diversas manifestações artísticas, trabalhado em sala de aula, pode promover a troca de experiências e a ampliação do universo cultural dos alunos” (p. 12). Penna (2005) ainda afirma que o trabalho pedagógico precisa abarcar a diversidade, não sendo “orientado apenas pela experiência musical da maioria”, o que certamente levaria a perda da “riqueza que poderia ser propiciada pela troca com as expressões e práticas musicais de grupos minoritários”. Para isso, conclui ser “fundamental conhecer a vivência dos alunos” (p. 12), que tem por “base a disposição em olhar para o aluno e acolher as suas práticas culturais” (p. 7).

Já a abordagem de Souza (2007) analisa “os debates atuais sobre cultura e diversidade na América Latina e suas relações com a música” (p. 15). A autora lembra que “embora o Brasil também tenha a diversidade como um elemento fundante em suas culturas, o nacionalismo das décadas de 1930 e 1940 procurou construir uma identidade unificadora na qual pouco se percebia as diferenças dos elementos constituintes da nação”. Isso gerou, “por um lado o mito da convivência racial pacífica entre brancos, negros e ameríndios, uma suposta ‘democracia racial’, baseada na percepção da miscigenação como processo harmônico (...) por outro, a visão de uma intensa musicalidade de seu povo e do Brasil como um ‘país do som’, um ‘lugar onde mais se faz música no mundo’” (ibid, p. 17).

A visão de uma multiplicidade e intensidade sonora é decorrente, dentre outros aspectos, da globalização dos meios de comunicação. Souza (2007) afirma que hoje “assistimos a um processo de fusão entre as diferentes culturas musicais como, por exemplo, entre o samba e o rap”, muito embora “algumas manifestações musicais insistem em manter suas diferenças locais, como a capoeira” (p. 17). Nesse sentido, “pensar sobre a música brasileira hoje significa analisar as trocas culturais que hoje

atravessam o país e que fazem com que os limites entre litoral/sertão ou morro/asfalto se dissolvam” (Souza, 2007, p. 17).

Na análise desse contexto Souza (2007) aponta três questões que permeiam a realidade musical atual. A primeira refere-se a “um estilo musical que partindo do local busca o global e vice-versa” (p. 18). Como exemplo a autora cita a música de Carlinhos Brown, que se origina do Grupo Olodum e que, ao fazer parceria com Jimmy Cliff – na música “No woman no cry”, junta a cultura local com a produção global e cria a timbalada. Essa fusão permite o novo e ao mesmo tempo o sucesso.

A outra questão trazida por Souza (2007) refere-se ao desmanche das fronteiras, onde já não é possível identificar características musicais a partir da ótica geográfica ou geopolítica. Como exemplo, a autora traz a produção musical de músicos como Lenine, Chico César, Carlos Malta e Zeca Baleiro. Esses compositores conseguem combinar os sons locais com os globais, misturando diferentes estilos e mostrando que “funcionam como antenas, captando sem preconceitos os sons novos que vêm do país e do mundo” (p.18). Além desses músicos Souza (2007) traz também como exemplo o pernambucano Chico Sciense, que lança o movimento mangue beat. Em suas palavras “o mangue é visto como uma terra fértil pela troca incessante de matéria orgânica entre o doce, da água dos rios e o sal da água do mar. Uma metáfora, portanto, da necessidade de intensificar as trocas culturais” (p. 18).

Para finalizar Souza (2007) apresenta a última questão, que diz respeito ao entendimento das músicas feitas nas periferias dos grandes centros urbanos, como o rap, o funk e outras. Dentre os autores que tem pesquisado essa realidade estão Araldi (2004) com um estudo sobre DJs, Fialho (2002) que abordou o hip hop – trazendo o rap, Muller (2000) que investigou o sentido da música para meninos em situação de rua e Prass (1999) que pesquisou como se aprende música numa escola de samba. Essas pesquisas mostram que as músicas produzidas no âmbito das periferias tratam, sobretudo, de temas presentes nas vivências das comunidades e tornam-se crônicas da realidade periférica. Além disso, os estudos apresentam os processos de formação musical não-formais, onde jovens aprendem a fazer música sem os procedimentos convencionais e tradicionais.

É nítido que além da diversidade de música há também uma mistura de estilos em uma música. Isso gera o inédito, que, por suas características provoca a curiosidade, prende a atenção, traz novidade e desencadeia no ouvinte o desejo por outras produções inéditas, resultando uma demanda cíclica em busca do novo. Esse processo alimenta a produção e o consumo musical, favorecendo escolhas e vivências musicais subjetivas, resultando e sendo resultante da diversidade musical.

Referências Bibliográficas

ARALDI, Juciane. *Formação e prática musical de DJs: um estudo multicaso em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FIALHO, Vania Malagutti. *Hip Hop Sul: um espaço televisivo de formação e atuação musical*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MÜLLER, Vânia. *A música é, bem dizê, a vida da gente: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal de Porto Alegre - EPA*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PENNA, Maura. Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 7-16, set. 2005.

PRASS, Luciana. Saberes musicais em uma escola de samba (ou por que “ninguém aprende samba no colégio”). *Em Pauta*, Porto Alegre, n. 14-15, p. 5-18, 1998; 1999.

SOUZA, Jusamara. Cultura e diversidade na América Latina: o lugar da educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 18, p. 15-20, out. 2007.